



A IRA DOS NORMANDOS: O PAPEL DA RAIVA NA OBRA DE DUDO DE SAINT-QUENTIN, UMA EMOÇÃO FRANCA OU ESCANDINAVA?

THE WRATH OF THE NORMANS: THE ROLE OF ANGER IN THE WORK OF DUDO DE SAINT-QUENTIN, A FRANK OR SCANDINAVIAN EMOTION?

Matheus Brum Domingues Dettmann¹

Resumo: A importância da presença escandinava e a existência de uma possível herança nórdica tem sido um dos grandes pontos de discussão dentro da historiografia que lida com a Normandia dos séculos X e XI. Para autores como Pierre Bauduin, os escandinavos estabelecidos na região foram rapidamente assimilados dentro das instituições carolíngias e a presença escandinava não teria tanta relevância para a consolidação da Dinastia Normanda. Para outros autores como Eleanor Searle, a herança escandinava continua presente e exercendo grande influência no governo dos líderes da casa de Rouen. Este artigo busca se inserir dentro desta discussão por meio de um estudo da raiva na *Historia Normannorum* ou *De moribus et actis primorum normanniae ducum* de Dudo de Saint-Quentin. Desse modo, ao analisarmos a forma como raiva dos soberanos normandos é representada na crônica, intentamos compreender qual o significado sociopolítico da forma como essa emoção é descrita e se isso pode ser conectado a uma suposta permanência escandinava ou se reforça a ideia de uma assimilação ao quadro carolíngio.

Palavras-Chave: Normandia; Raiva; Francos; Escandinavos.

Abstract: The importance of the Scandinavian presence and the existence of a possible Nordic heritage has been one of the great points of discussion within the historiography that deals with Normandy in the 10th and 11th centuries. For authors such as Pierre Bauduin, the Scandinavians established in the region were quickly assimilated into Carolingian institutions and the Scandinavian presence would not have so much relevance for the consolidation of the Norman dynasty. For other authors such as Eleanor Searle, the Scandinavian heritage is still present and exerting great influence on the government of the leaders of the House of Rouen. This research seeks to insert itself within this discussion through a study of the *Historia Normannorum* or *De moribus et actis primorum normanniae ducum* by Dudo of Saint-Quentin. Thus, when we analyze the way in which the rage of the Norman sovereigns is represented in the chronicle, we intend to understand the sociopolitical meaning of the use and the way this

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM-UFRJ). Email: matheusbrumdettmann@gmail.com Orcid: 0000-0002-9963-9132



emotion is described and if this can be connected to a supposed Scandinavian permanence or if it reinforces the idea of an assimilation to the Carolingian framework.

Key words: Normandy; Anger; Franks; Scandinavians

Introdução

O Norte do que hoje é a França vivenciou importantes transformações sociopolíticas entre os séculos X e XI. Uma dessas mudanças foi o surgimento e a ascensão da Dinastia Normanda como uma das principais forças políticas do reino franco. Um dos pontos mais marcantes sobre a origem da Dinastia Normanda, e da Normandia medieval como um todo, seria a união entre o elemento nórdico, trazido pelos imigrantes escandinavos, e as instituições e população carolíngia existente na região. Diante desta origem híbrida normanda, a historiografia que estuda a Normandia do século X e XI tem se esforçado para compreender o quanto a presença escandinava e a tradição carolíngia influenciaram no governo dos soberanos normandos de Rouen.

Autores como Eleanor Searle (1988) e David Bates (1982) realizaram importantes estudos desta Normandia nos mais diversos campos, analisando aspectos sociais, culturais, econômicos e mesmo políticos da Dinastia Normanda. Este artigo busca expandir este debate, ao focar em um objeto de estudo ainda não muito explorado por esta historiografia. Para isso, este artigo procura compreender o papel das emoções para a política da Dinastia Normanda e, de modo mais específico, o papel da raiva nesta Normandia do século XI. Com este objetivo, iremos realizar uma análise da forma como a raiva é representada e usada na *Historia Normannorum* de Dudo de Saint-Quentin, a primeira grande obra narrando as vidas e os feitos dos soberanos normandos no século X e encomendada pela própria casa normanda de Rouen, uma obra diretamente conectada aos interesses sociopolíticos da própria dinastia.

A raiva no texto de Dudo de Saint-Quentin é um sentimento puramente irracional e pecaminoso ou teria outro significado? A forma que os soberanos normandos sentem e expressam a raiva pode ter uma função política e social específica na narrativa de Dudo? Por fim, a forma como Dudo escreve sobre a raiva e o ato de sentir a raiva está próximo de uma tradição franca ou escandinava de enxergar e sentir esta emoção?

O estudo das emoções e a Idade Média

Ao longo do século XX, a forma tradicional de se interpretar e narrar os fatos históricos, consagrada no século XIX, foi questionada e sofreu severas críticas por parte de novas correntes historiográficas que emergiram. Dentro desse contexto de renovação da área, a História Medieval não se manteve isolada ou a parte destas inovações. Podemos dizer que ao longo do século XX diversas concepções e metodologias responsáveis por engessar o campo dos medievalistas foram substituídas por novas formas e ideias de investigação histórica que permitiram novas concepções e mesmo novos objetos de estudo, além de novos processos metodológicos que possibilitaram uma necessária ampliação e maior flexibilidade dos estudos medievalistas.

Um desses ideais clássicos da historiografia que limitava a pesquisa sobre o medievo, e de muitas formas o menosprezava, era a ideia de se observar a Idade Média como uma etapa para o futuro surgimento da sociedade capitalista. Esta concepção concebida pela historiografia positivista foi largamente adotada pela historiografia de cunho marxista. Para autores como Perry Anderson, seria necessário romper com o sistema e ideologia do mundo feudal medieval para o surgimento da sociedade capitalista (ANDERSON, 1984).

Nessa percepção evolutiva da História, a Idade Média quase sempre era tomada como um período de atraso intelectual e técnico que impedia o avanço da humanidade, que por sua vez só se libertaria dessas amarras com o advento do renascimento e da Idade Moderna no século XV. Esta vertente do rompimento da modernidade com o mundo feudal, que constitui uma das grandes bases da teoria evolutiva da História, foi concebida sobretudo tendo como ponto de partida o trabalho de historiadores da arte como Jacob Burckhardt, que em seu estudo do renascimento italiano foi influenciado por autores como Petrarca que buscavam ver sua própria sociedade e trabalho como um rompimento com a sociedade atrasada medieval (BUCKHARDT, 1990).

Impulsionado pelo próprio pensamento renascentista, a ideia do rompimento com a medievalidade e das inovações da modernidade, importantes para o fim do feudalismo e ascensão do capitalismo, se tornaram extremamente difundidas na historiografia tradicional,



buscando apresentar a Idade Média como nada mais que uma etapa da História humana que dá lugar a uma forma mais avançada de economia e sociedade modernas.

Porém, a partir da década de 1970, é possível observar uma expressiva mudança na historiografia. Seguindo o que Marcelo Cândido chamou de crise da História Científica, os historiadores tiveram que buscar uma renovação, seja de objetos de estudo ou de metodologia, e até mesmo da forma de se encarar as fontes (CÂNDIDO DA SILVA, 2010). A historiografia tradicional e as correntes marxistas não cobriam mais toda a necessidade da pesquisa historiográfica. Diante disso, novas formas de se fazer História começaram a ganhar força no período, surgindo novas correntes e tendências de pensamento. Dois bons exemplos dessa transformação foram a ascensão dos estudos de gênero e da historiografia cultural, duas importantes áreas do conhecimento historiográfico que até então eram consideravelmente subestimadas pelos modelos de pesquisa tradicionais e que passaram a ganhar cada vez mais espaço.

Porém, a História Política também passou por transformações. A História Política tradicional tão criticada por sua perspectiva engessada e limitada, lidando majoritariamente com uma história dos grandes eventos e grandes nomes, também se ampliou e renovou nesse período. Como apresentado por René Rémond, ao invés de ser abandonada como um campo obsoleto, a História Política se abriu para o diálogo com outros campos de conhecimento, como a antropologia e a sociologia, permitindo assim uma ampliação considerável de seu campo de estudo e trazendo novos objetos e novas formas de se trabalhar às relações de poder que passam a tratar diretamente com aspectos muitas vezes preteridos ou ignorados antes como características socioculturais, por exemplo (RÉMOND, 2003).

Uma das principais mudanças trazidas foi o rompimento com velhas dicotomias que permeavam a pesquisa histórica. Binarismos como público-privado e razão-emoção que eram apropriados pelos historiadores e serviam de base para sua produção teórica. O mundo medieval não estava isento dessas dicotomias. Nesse aspecto, Michel Rouche em seu estudo da vida privada realizou um importante trabalho que influenciou bastante esta linha de estudo.



Para o autor, o que se observa no período medieval é a ascensão da vida privada sobre a *res publica*. Em outras palavras, a vida pública seria invadida e submetida por valores e ideais da vida privada, sendo a ascensão dos reinos bárbaros o domínio da vida privada sobre a vida pública romana (ROUCHE, 1999). Esta visão seria comumente aceita pela historiografia francesa do século XIX amplamente nacionalista e que pregava que as populações germânicas não conseguiriam compreender e adotar as abstrações da vida pública romana.

Porém, como demonstrado por Marcelo Cândido em seu estudo sobre fontes jurídicas francas, tal dicotomia não seria muito viável para estudar o período medieval. Em sua obra, o autor busca demonstrar como os conceitos de público e privado, tão melhor definidos em nossa época, não são tão fáceis de distinguir no período medieval, um período em que estas esferas estão longe de serem bem definidas e separadas uma da outra, porém sem que isso represente uma ascensão ou domínio da vida privada sobre a vida pública (CÂNDIDO DA SILVA, 2010).

Marcelo Cândido (2010) aponta a importância da questão da *penitentia*. Algo que estaria comumente associado ao oculto e secreto de cada pessoa, na verdade tomava uma forma verdadeiramente pública, com o uso das penitências públicas. Tal penitência seria necessária a fim de promover uma reconciliação do pecador com a comunidade de fiéis. Também deve-se destacar que pecados como incesto e parricídio podiam ser tomados como atentados contra a comunidade. Desse modo, ações que supostamente estariam ligadas ao oculto e o privado na verdade eram apropriadas como aspectos da vida comunal, ocorrendo o que o autor chamou de uma hipertrofia do público. Desse modo, o que se pode observar na Idade Média não é uma submissão do público em relação ao privado, mas muito mais um esvaziamento do oculto e uma expansão do espaço público até o ambiente doméstico dos indivíduos (CÂNDIDO DA SILVA, 2010).

Outra importante análise feita por Cândido é o seu estudo sobre o texto de Duoda. Duoda, uma mulher nobre franca escreveu para seu filho, Guilherme da Septimânia, uma obra o recomendando como se portar e agir uma vez que ele passou a viver na corte régia carolíngia de Carlos, o calvo (823-877). Como apontado por Cândido, é notório o fato de ao descrever a relação entre pai e filho em seu texto, e a forma como Guilherme deveria se dirigir e respeitar



o seu pai, Duoda se utiliza de uma linguagem e terminologia que mais lembra uma dominação senhorial ou mesmo uma hierarquia social do que uma representação de amor filial, esta posição não vem somente do fato de serem pai e filho, mas do fato que Guilherme tem sua própria posição social em relação a existência de seu pai (CÂNDIDO DA SILVA, 2010).

Dessa forma, aspectos que seriam comumente tomados nos dias de hoje como da ordem de vida privada estão, dentro do mundo medieval, estritamente correlacionados a vida comunal e a ordem pública da sociedade. Além disso, relações que supostamente seriam baseadas na ordem afetiva e emocional, estão ligadas às relações de poder e interações hierárquicas do medievo. Abordar tais questões no contexto medieval tendo em mente a existência de duas esferas separadas e bem limitadas pode se caracterizar um meio de análise anacrônico, se apoiando numa percepção social que está longe da experiência vivenciada pelos indivíduos na época.

Tal rompimento com esta dicotomia e a percepção que as esferas privada e pública tem uma correlação e caracterização muito distinta dos dias de hoje, permite uma expansão dos estudos sociais e políticos do medievo, ampliando seu campo para objetos de estudo até então preteridos ou ignorados. Um bom exemplo disso é o trabalho de Jon Sigurdsson sobre a amizade no mundo nórdico medieval entre os séculos X e XIV. Como demonstrado pelo autor, a relação de amizade não se limita a uma relação afetiva e privada, mas se caracteriza como um verdadeiro contrato social com importantes implicações políticas (SIGURDSSON, 2017). Ter amigos era sinônimo de ter aliados em futuras disputas que fossem surgir, sejam militares ou políticas, desse modo o homem que não tinha amigos estava em uma posição sociopolítica debilitada, o que poderia pôr em risco seu poder e influência e mesmo sua posição no quadro social da sociedade islandesa (SIGURDSSON, 2017).

Essa correlação entre afetividade e relações de poder nos conduz ao foco deste trabalho que é realizar um estudo das emoções como instrumentos de ordem política e social no mundo medieval. As emoções eram comumente relegadas a manifestações inconscientes de cunho privado pela historiografia tradicional, e como tal não eram tomados como elementos dignos de serem estudados pela História Política, porém, com a ampliação da área, o surgimento de uma Nova História Política e com os avanços da neurociência, tendo sucesso em perceber a



racionalidade das emoções, o binarismo emoção-razão também tem sido superado, permitindo uma nova abordagem do estudo das emoções que possibilitou o surgimento de uma História das Emoções, um campo de estudo que toma a representação e as manifestações emocionais como um importante elemento histórico com valores culturais e sociopolíticos próprios e específicos.

Dentro dessa História das Emoções, é de grande importância o trabalho de Bárbara Rosenwein e sua concepção das comunidades emocionais. Segundo a autora, podemos observar a existência de verdadeiras comunidades com indivíduos ligados por pensamentos fundamentais, valores e mesmo formas de expressão em comum (ROSENWEIN, 2006). Uma comunidade emocional não é necessariamente uma multidão que se reúne e mobiliza na rua, mas sim uma comunidade onde os indivíduos se ligam por meio de objetivos, valores e interesses comuns (ROSENWEIN, 2006). Assim, os membros de uma comunidade emocional compartilham uma forma própria de valorizar e expressar emoções, além de constituir um meio no qual essas emoções assumem um importante papel racional e social de interação na construção das relações sociopolíticas.

Importante salientar que o pertencimento a uma comunidade emocional própria não inviabiliza o indivíduo de integrar outra, na verdade o mais correto seria observar como um grande círculo no qual se entrecruzam outros círculos maiores e menores (ROSENWEIN, 2006). Também se deve salientar que tais comunidades são amplamente construídas e reforçadas por ideologias, ensinamentos, pressupostos em comum e valores que poderiam ser representados e passados na produção textual. Assim a representação das emoções no texto também contribui para a manutenção e desenvolvimento das comunidades emocionais, uma vez que caracterizam uma forma própria de abordar as emoções, constituindo uma expressão emocional válida que valoriza ou tem função de condenar determinadas emoções de acordo com os interesses, objetivos e valores próprios daquela comunidade para quem se escreve.

Porém, como o medievo se encaixa neste estudo das emoções? Tradicionalmente o estudo das emoções no medievo era uma forma de se perpetuar antigas concepções da Idade Média. Piroska Nagy e Damien Boquet destacam que historiadores do século XIX, e na primeira metade do XX, percebiam as emoções no período medieval como representadas de



um modo exagerado, e para estes autores, o homem medieval era como uma criança que não tinha controle sobre suas próprias emoções (BOQUET; NAGY, 2018). Como foi esboçado por Norbert Elias em seu estudo sobre o processo civilizador, somente o advento da modernidade traria um desenvolvimento psicológico e racional que cria uma distância reflexiva e a valorização do autocontrole (ELIAS, 1990).

Porém, como vem sendo demonstrado pelo trabalho de autores como Rosenwein, as emoções do medievo não são irracionais ou imaturas e desprovidas de valor, mas se constituem um elemento central no componente social, onde podemos observar a existência de diferentes comunidades emocionais próprias movidas por interesses e ideologias em comum que tem um importante papel social e político na forma de representação dessas emoções. Desse modo as emoções medievais antes tomadas como imaturas e irracionais na verdade tem um importante papel nas questões de poder e nas dinâmicas sociais do medievo.

Neste contexto, Gerd Althoff nos apresenta um estudo interessante sobre uma emoção específica no mundo franco medieval, a raiva, ou sendo mais preciso a raiva dos reis francos. Segundo Althoff, embora diplomas e documentos históricos evitem incorrer na raiva régia, preferindo se focar naqueles que obtêm a boa vontade dos soberanos, não faltam crônicas e relatos textuais que esboçam esta emoção (ALTHOFF, 1998). Como dito pelo autor, a raiva parece um sentimento comum para os reis merovíngios, não sendo raro em relatos, como o de Gregório de Tours, encontrarmos reis que tomam decisões radicais e violentas movidos por sentimentos de raiva (ALTHOFF, 1998). Os reis merovíngios reagem a decepção, traição e insulto com fúria, o que constantemente os levaria à busca de vingança e ao conflito (ALTHOFF, 1998).

Porém, a ascensão carolíngia traz um novo valor para a raiva. A raiva régia não tem um papel tão presente na representação dos soberanos carolíngios e documentos como a *Vita karoli Magni* e os *Annales Regni Francorum* vão contribuir para a criação da figura de um monarca misericordioso que não cede diante de emoções de raiva e perdoa seus inimigos. Observamos aqui a construção de um ideal de soberano cristão virtuoso que preza pela paciência, temperança e misericórdia (ALTHOFF, 1998). Como salientado por Richard Barton (2010), esta forma de representação da raiva está dentro de uma tradição própria que se



popularizou no medievo até o início do século XII. Esta tradição se apoiava no pensamento estoico que via as emoções como distúrbios da alma a serem evitados, ou seja, como manifestações irracionais (BARTON, 2010).

Segundo Althoff, a partir do século XII ocorre uma retomada da raiva régia. Contudo, essa raiva agora está condicionada a uma nova concepção de raiva justa. O soberano continua tendo a obrigação de ser um monarca virtuoso, porém lhe é aberto o uso da raiva e da fúria em situações consideradas justas (ALTHOFF, 1998). Em outras palavras, a partir do século XII, observamos situações em que os monarcas não são tomados como totalmente clementes e misericordiosos e incorrem em atos violentos e movidos pela raiva, porém sempre motivado por uma causa justa, o termo *iustitia* se faz constantemente presente nesses relatos. O *rigor iustitiae* toma espaço.

Barton, em sua análise da *Historia Ecclesiastica* de Orderico Vital, escrita na primeira metade do século XII, chama a atenção para uma nova forma de representação da raiva. O autor afirma que Orderico se afasta de uma tradição estoica dos sentimentos e se aproxima de um viés aristotélico ao entender a raiva dos aristocratas francos e ingleses como uma resposta natural e mesmo necessária a estímulos externos (BARTON, 2010). A raiva não é mais um sentimento irracional e injustificável, mas sim uma resposta socialmente adequada dependendo da situação.

A raiva em Dudo de Saint-Quentin

Como pode ser vista, a forma de se encarar e expressar a raiva parece ter passado por algumas transformações no mundo carolíngio. Não parece incorreto perceber a existência de uma comunidade emocional específica que busca valorizar a virtuosidade do soberano. Porém, isso nos leva ao nosso principal objeto de estudo, com um exemplo um pouco diferente do apresentado anteriormente.

Por volta do ano de 911, o rei franco do ocidente Carlos III, o simples, realizou uma concessão de terras na região de Rouen a um chefe escandinavo conhecido como Rollo e seus seguidores. Desta população escandinava estabelecida em terras francas e de sua união com a população e as instituições carolíngias surge a Normandia que seria governada por Rollo e



seus descendentes, a Dinastia Normanda de Rouen. Pensando do ponto de vista emocional, não parece estranho que a liderança normanda tenha adotado uma forma franca de se pensar, valorizar e expressar os sentimentos, contudo, como poderemos ver a seguir, a situação parece ser mais complexa que isso.

No primeiro quarto do século XI, a corte de Rouen encomendou uma obra narrando a vida e os feitos dos soberanos normandos no século X, o *De moribus et actis primorum Normanniæ ducum*, ou *Historia Normannorum* ou ainda *Gesta Normannorum*. O texto foi escrito pelo cônego Picardo Dudo de Saint-Quentin (MCNAIR, 2015). Na obra de Dudo, uma passagem descrevendo um momento de raiva chama a atenção. Dudo relata que, após a morte de Rollo, seu filho Guilherme Espada-longa teria se aproximado da nobreza franca através de relações de amizade e parentesco. Em reação a isso, um líder escandinavo chamado Riulf lidera uma revolta contra Guilherme, alegando que ele estaria privilegiando seus parentes e amigos francos. Riulf então marcha em direção a Rouen com seus apoiadores.

No entanto, um certo Riulf, violentamente tomado pela vileza da traição, vendo que o duque Guilherme, isto é, seu senhor, estava muito fortalecido e ganhava força com a ajuda de tais amigos, anunciou em sua voz enganosa a muitos dos líderes normandos, a quem convocou: "Nosso senhor Guilherme, descendente de uma linhagem mais nobre da raça franca, obtém para si amigos francos. Na verdade, ele está tentando nos expulsar inteiramente do reino e subjugar rudemente os pescoços daqueles que permanecem com o jugo da servidão (*De moribus et actis primorum Normanniæ ducum*, folio 37-38-Tradução Nossa)².

Ao saber da aproximação do rival, Guilherme busca, em um primeiro momento, se colocar como um governante conciliador e benevolente, preferindo uma opção pacífica para lidar com a situação e oferecendo sua patronagem e amizade a Riulf e seus seguidores.

² Videns autem quidam riulfus perfidiae nequitia atrociter repletus; Vuillelmum ducem scilicet dominum suum amicorum praesidio confortari ualde et conualescere; conuocatis plurimis principum northmannorum fraudulenta retulit uoce. Noster sênior Vuillelmus nobilissimo franciscae stirpis semine genitus francigenas amicos acquirit sibi; nostro consilio priuatus. nostraeque afflictionis animositate instigatus. Nos uero conatur regno penitus extrudere; remanentiumque colla iugo seruitutis duriter opprimere.



Entretanto, Riulf recusa a oferta de Guilherme e afirma que eles irão atacar Rouen e, a menos que Guilherme fuja rapidamente para junto de seus parentes francos, ele e seus seguidores serão esmagados.

Então Guilherme, temendo o súbito assalto da multidão corrupta, enviou-lhes um embaixador para falar nestas palavras mais humildes, que vocês vão ouvir agora: "Nosso senhor Guilherme, brilhando na flor da juventude, deseja ser pacificador e benevolente para com você em todas as coisas. Em verdade, ele manda dizer que você deve compartilhar com ele a dignidade oficial de toda a pátria e se distinguir acima de todos os outros, como o primeiro e o maior, ao aconselhá-lo. Além disso, aquela terra que você está pedindo para ser dada a você, ele concede-lhe com prazer, não só até o Risle, mas até o Sena. Pois ele acredita que o guarda com a sua ajuda; no entanto, não duvide que você é querido e fortalecido por seu patrocínio. O que quer que você deseje, você pode ter; todos os bens que desejar, você pode manter sem hesitar. Ele humildemente ora para que você venha a ele pacificamente e, desfrutando amigavelmente de seu incentivo, viva com ele. "

Então Riulf, o mais vil excitador deste mal e um homem enfurecido pela loucura da fraude diabólica, disse ao embaixador diante de todos os que estavam lá: "Volte rapidamente, diga a Guilherme e a todos os seus seguidores, que eles se retirem das muralhas desta cidade e vá rapidamente para seus parentes francos. Pois ele não será mais o herdeiro desta terra, nem nos dominará, porque ele é impróprio e prejudicial para nós. Mas a terra, que ele mais uma vez nos prometeu, não será dada como sua dádiva, porque o que não está possuído em primeiro lugar não pode ser dado. Mas se ele preferir não abandonar a cidade, iremos atacá-la em todos os momentos e, uma vez tomada, esmagaremos Guilherme e seus seguidores pela espada (De moribus et actis primorum Normanniæ ducum, folio 38-39- Tradução Nossa)³.

³Tunc Vuillelmus repentinum peruersae multitudinis metuens impetum; misit ad eos humillimis uerbis legatum quae modo audietis dicturum. Noster sênior Vuillelmus. iuuenalis aetatis flore nitidus; uult uobis esse per omnia pacificus et beneuolus. Mandat uero uobis. ut honorem Totius patriae secum communicetis. suoque in consilio primi et praemaximi; cunctis praecellatis. Terram autem quam dari uobis petistis; non solum usque ad rislam. uerum etiam usque ad sequanam. libenter concedet uobis. Confidit enim se tueri uestro adiutorio; uos autem non diffidatis foueri. munirique suo patrocínio. Quicquid concupiscitis habeatis. quicquid rerum uultis incunctanter possideatis. Vt ad eum humiliter precatur pacifice ueniatis; eiusque amicabiliter alloquio fruentes. secum habitetis. Tunc riulfus. incencor huius mali nequissimus; fraudisque diabolicae furiis bachatus. inquit legato prae omnibus. Reuertere caelerius; dic Vuillelmo et suis omnibus. ut exeat a moenibus ciuitatibus huius. petatque francos suos parentes citius. Non enim erit haeres ultra terrae huius; nec nostri amplius dominabitur. quia nobis est incongruus et obnoxius. Terra uero quam repromittit nobis. Dono eius non dabitur; quia dari non potest quod non habetur. Si uero ciuitatem non deserere maluerit; nos semper eam inuademus. Eaque capta. Vuillelmum et suos gladio conteremus.



Até este ponto, a atitude de Guilherme não parece muito diferente da que vimos nos soberanos carolíngios. Guilherme busca se portar como um soberano misericordioso que privilegia a paz e o perdão. Na verdade, Riulf que é tomado como a encarnação viciosa da raiva, sendo considerado excitado pelo mal e enfurecido pela loucura diabólica. Nesse ponto a obra de Dudo não foge a tradição carolíngia, porém devemos observar a segunda parte desta passagem de Dudo.

Após receber a recusa de Riulf, e perceber que o inimigo tem um exército maior e mais bem abastecido, Guilherme manifesta o desejo de ir até seu tio materno Bernardo de Selins e conseguir o apoio dele e então, com o auxílio franco, esmagar Riulf e seus seguidores e retomar seu território. Entretanto, a ideia de Guilherme não é bem recebida pelos seus conselheiros, em especial Bernardo, o dinamarquês, um homem próximo de seu pai e do próprio Guilherme que o repreende duramente e, afirma que eles não o iriam seguir se ele pedisse ajuda aos francos, que foram inimigos dos normandos durante muitos anos, e que se Guilherme insistisse em buscar o auxílio franco eles o iriam abandonar e retornar a sua terra de origem na Escandinávia já que Guilherme estaria se portando de uma forma covarde e sem a força necessária para governar seus homens por conta do medo que sentia de seus inimigos. Bernardo inclusive chega a se referir a Guilherme como afeminado em sua fala por sua decisão de desejar fugir e pedir ajuda de seus parentes francos, como pode ser lido a seguir:

Diz-se que Bernardo respondeu: "Vamos nos apressar com você para o rio Epte, mas não entraremos na França, pois, com seu pai Rollo, uma vez nós caímos repetidamente sobre ela na guerra, e derrotamos muitos assim que a batalha começou (...) De fato, matamos ou levamos cativos os avôs e tios maternos, pais e tios paternos, tias maternas e paternas, primos maternos e outros parentes daqueles que ainda sobrevivem. E como podemos estar lá, diante de tais inimigos? Você prefere, mesquinho e inútil, viver da mesa de outro a governar e proteger um reino? Eu e meus companheiros não iremos segui-lo, nem iremos para onde você deseja. Portanto, retornaremos de navio para a Dácia, a terra de nosso nascimento, porque sentimos a falta de um duque e defensor. Você, afeminado, não tem forças para se colocar sobre nós, homens, porque teme a morte que te ameaça nas mãos desses inimigos. Guilherme, incitado por essas disputas mais amargas, disse ao Bernardo nascido na Dácia antes do resto dos líderes: "De uma maneira indecorosa você me dilacerou com palavras ásperas e sujas, já que você me chamou de afeminado e débil nos braços, e até mesmo um nada. Eis que apressadamente



irei antes de você para a batalha como o porta-estandarte, e firmemente esmagarei aquele exército de inimigos. Minha espada devorará a carne dos violadores do juramento e eu irei esmagar e demolir seus acampamentos. Não nos demoremos mais, preguiçosos e tímidos, mas me sigam apressadamente, e vamos atacá-los como os lobos fazem com os cordeiros. " Bernardo, além disso, percebendo o ardor e a constância viril do duque Guilherme, disse-lhe com estas palavras humildes: "Muito poderoso senhor duque, não se zangue com a nossa eloquência exaltante, pois o que agora nos ordena fazer é ambos de acordo com razoável e benéfico. Apenas deixe-nos verificar quem irá com você agora para a batalha, e quem virá em sua ajuda. " (De moribus et actis primorum Normanniæ ducum, folio 38-39- Tradução Nossa)⁴.

Essa parte do texto é interessante, pois Guilherme não se porta como um soberano paciente ou virtuoso, mas um homem tomado pela raiva, raiva essa que inclusive o leva ao campo de batalha. Diferente do que se pode perceber nos relatos típicos do século XII franco, aqui a palavra *iustitiae* não é invocada, a raiva de Guilherme não se fundamenta em nenhum motivo virtuoso e nobre, mas sim nas provocações feitas por Bernardo. Também é digno de nota a reação de Bernardo, desejoso não de extinguir a raiva de Guilherme, mas de transferi-la contra os escandinavos rebeldes.

⁴-Tunc dacigena bernardus; respondisse fertur: Tecum usque ad eptae fluuiolum properabimus; uerum frantiam non penetrabimus, quia quondam cum patre tuo eam sepe bellis repetiuimus; multosque incoepo praelio prostrauimus. Quin etiam superstitum adhuc auos. et auunculos. patres et patruos. materteras et amicas. consobrinos et consanguineos. Aut interemimus aut captiuauimus. Et quomodo quiuerimus tantorum inimicorum faciem subsistere? Aliena mauis quadra uilis nulliusque utilitatis uiuere; quam regnum regere et protegere. Ego et consortes mei. te non sequemur; neque quo uis proficiscemur. Nauigio ergo daciam nostrae natiuitatis terram repetemus; quia duce et aduocato caremus. Non uales nobis ultra uiribus effeminatus praeesse; quia mortem metuis his hostibus imminere. His asperrimis sermocinationibus Vuillelmus instigatus; dixit bernardo dacigenae coram ceteris principibus. Duris et obscenis uerbis me turpiter laccessisti; cum me effeminatum armisque frigidum. quin etiam nichilum uocasti. Ecce praeibo signifer festinanter ad praelium; et conteram constanter exercitum inimicorum. Deuorabit gladius meus carnes periurorum; dirumpamque et dissipabo castra eorum. Non diutius segnes. et timidi moramini; uerum me festinanter sequimini. Et inuadamus eos ut agnos lupi. Cernens autem bernardus animositatem constantiamque uirilem Vuillelmi ducis; dixit ad eum uerbis humillimis. Domine dux praepotentissime. noli irasci nostra allocutione; quia consequens est et utile. quod nobis iubes facere. Tantum experiamur quis tecum ibit ad praelium; quique subuenient tibi in auxilium.



De qualquer forma, a incitação da raiva de Guilherme parece proposital da parte de Bernardo. Porém, por que é do interesse de Bernardo enfurecer Guilherme para que ele desista de pedir o auxílio dos francos? Para além disso, por quê Dudo se predispõe a escrever tal passagem que vai contra o ideal carolíngio de autocontrole e evitar agir levado pela raiva, um ideal que é possível de ser observado mesmo na obra do próprio Dudo. Por quê neste trecho Dudo abandona a visão do Guilherme temperante e misericordioso e incorre na descrição de um soberano agindo pela raiva e levado pela raiva impiedosa. É possível que tenha algum objetivo por trás desse trecho da obra de Dudo? Como vimos anteriormente esta passagem parece muito mais uma atuação merovíngia do que o ideal carolíngio de governante, podemos então supor a existência de uma forma diferente de se encarar a raiva de um governante?

Primeiramente, é interessante apontar uma característica semelhante entre a tradição literária escandinava e a obra de Dudo. No texto de Dudo, é necessário inferir o que Guilherme sente por meio do diálogo. Dudo não descreve diretamente o que Guilherme está sentindo, isso se torna perceptível pela sua troca de palavras com Bernardo. Segundo William Ian Miller, esta é uma forma de escrever sobre as emoções muito comum no mundo escandinavo, o que o autor aponta em sua análise das sagas islandesas (MILLER, 1993).

Ainda dentro desta tradição literária no mundo escandinavo, podemos observar a presença de indivíduos que muitas vezes agem movidos pela raiva vingativa. Como foi tratado por Miller, a vingança parecia uma parte importante da sociedade escandinava e era uma obrigação tomar vingança contra a morte de um amigo ou um parente (MILLER, 2009). Embora muitas vezes uma solução pacífica pudesse ser obtida, por exemplo através de uma compensação financeira apropriada, a vingança se caracterizava um ponto importante que permeia as relações sociais e mesmo políticas das sociedades nórdicas e a honra e desonra de um indivíduo tinham grande peso em sua posição enquanto membro desta sociedade, honra essa que muitas vezes implicava na necessidade de responder a uma ofensa por meio da vingança.

Não parece improvável que a raiva tenha uma participação importante neste protocolo de vingança. Como salientado por Stefanit Tucker, na saga de Egil Sakalagrison, Egil perde seu irmão lutando pelo rei inglês Athelstan (893-939), mas não está em uma posição onde pode



se vingar do rei, um aliado do próprio Egil ao momento (TUCKER, 2013). Porém, mesmo que Egil não possa exercer sua vingança, ele se mantém em grande fúria e raiva até que o rei lhe pague uma compensação devida. Podemos observar aqui que a raiva e o desejo vingativo têm uma função protocolar importante, de modo que mesmo em uma situação em que a vingança não é viável, a raiva se faz presente e se configura um elemento importante na narrativa, já que leva o próprio rei Athelstan a buscar a conciliação e resolver a disputa com Egil, se caracterizando um importante elemento para a negociação de poder e mesmo diplomacia entre Egil e o rei.

Dentro deste contexto, o insulto através de palavras também se mostra uma ação perigosa que poderia gerar reações violentas e a busca por vingança. De fato, como dito por Francesco Sangrisono, o *níð*, o insulto e provocação perpetrado pelos poetas *skalds* em suas obras, era tomado como tão sério que podemos observar a necessidade do estabelecimento de leis garantindo penalidades contra o ato, e que podiam chegar até mesmo a penas de execução para os poetas que escrevessem ou cantassem tais insultos (SANGRISONO, 2018). Como aponta Sangrisono, o *níð* constantemente levava a reações de raiva e violência, sendo muitas vezes um motivo válido para inclusive se buscar vingança por meio de sangue, o que é corroborado pela existência de leis punindo tão severamente esta forma de expressão (SANGRISONO, 2018).

Como podemos ver, insultos, raiva e reações violentas não eram incomuns na tradição escandinava. Se pensarmos na passagem de Dudo dentro deste contexto, a reação furiosa de Guilherme e sua atitude de ir à guerra inflamado pela raiva após ser insultado parece uma reação mais próxima da tradição escandinava que do ideal misericordioso e clemente carolíngio. Como defendido por Rosenwein, comunidades emocionais não são estruturas fechadas em si, mas antes disso constituem diferentes agrupamentos que se entrelaçam entre si (ROSENWEIN, 2006). Desse modo não parece impossível pensar em formas diferentes de se entender a raiva dentro dessa Normandia e que se fazem presentes e são representadas na crônica normanda.

Não parece inviável observarmos a construção de uma literatura normanda que mescla comunidades emocionais diferentes e as entrelaçam em seu próprio texto. As duas formas diferentes de se ver a raiva e as reações violentas provocadas por ela, uma sendo condenada



como maléfica e viciosa (Riulf) e a outra não sendo condenada ou vista como pecaminosa (Guilherme), parecem traduzir a presença de formas de se expressar e valorizar as emoções de modos distintos mesmo na corte de Rouen, uma que se aproxima ao ideal de governante carolíngio misericordioso e clemente e outra que se aproxima das reações furiosas e violentas diante de um insulto, uma atitude tão presente na tradição escandinava. Podemos observar diferentes formas de se entender, sentir e experimentar raiva na narrativa de Dudo. Como podemos ver, a casa de Rouen parece estar envolvida em um contexto emocional muito mais complexo que mescla numa mesma obra diferentes formas de entendimento e expressão da raiva e outras formas emocionais.

Finalmente, é possível observar uma função específica da reação furiosa de Guilherme diante do insulto? Existe uma função sociopolítica específica para essa atitude no texto? Como dito por Sangrison (2018), o *níð* tinha uma função bastante específica, ele objetivava não somente ofender, mas apresentar o ofendido como indigno de participar daquela comunidade, em outras palavras, o alvo do insulto é visto como indigno de pertencer àquela comunidade social. Isso é bastante claro na fala de Bernardo que afirma que ele e os outros seguidores de Guilherme irão o abandonar por sua covardia, o que o torna indigno de os governar como seu soberano.

Porém, se o *níð* tem essa função, qual seria a função da ira e da reação de Guilherme aqui? Se por um lado as palavras de Bernardo questionam a validade da posição de Guilherme frente aos seus seguidores escandinavos, a reação de raiva de Guilherme parece um ponto importante da narrativa no qual ele reforça seu pertencimento a este quadro sociopolítico e a legitimidade de sua posição em liderar seus seguidores escandinavos. Se Guilherme não tivesse reagido com raiva e ainda se recusasse a ir à guerra sem o auxílio franco, ele somente reforçaria as acusações de Bernardo e seria visto como indigno de liderar estes escandinavos e de sua posição social dentro desta comunidade.

Esse tipo de situação não parece muito incomum dentro do mundo escandinavo. Miller, em seu estudo sobre as sagas islandesas, afirma que nem sempre a pessoa que sofre a desonra e é envergonhada passa a ser vista como um indivíduo sem valor ou sem honra (MILLER, 1993). Segundo o autor, uma vez que o indivíduo é vítima de uma ofensa, ele teria



um tempo para recuperar sua honra através de uma resposta socialmente aceitável e assim apagar os efeitos da ofensa e manter efetivamente sua posição naquela comunidade (MILLER, 1993). Por outro lado, se o indivíduo falhasse em agir apropriadamente em resposta a vergonha sofrida, o próprio seria tido como um homem sem honra e indigno de sua posição social, ou seja, seu status e laços enquanto membro desta comunidade estariam ameaçados e mesmo o seu pertencimento àquela sociedade.

Para Miller, é comum que os personagens das sagas reajam às ofensas com raiva, indignação e mesmo ansiedade, esta última muitas vezes motivada pelo medo das consequências de não conseguir agir apropriadamente diante da vergonha sofrida (MILLER, 1993). Segundo o autor, estes sentimentos eram respostas necessárias para demonstrar que os indivíduos ainda estavam aptos a agir e modificar a situação, enquanto os que eram incapazes de retomar sua honra só podiam se desesperar em autodepreciação enquanto eram condenados ao isolamento e perda de sua posição social (MILLER, 1993). De fato, o autor ainda aponta como podem ser observados casos em que os próprios familiares e amigos do indivíduo o provocam por meio de ofensas. Eles não fazem isso para questionar sua posição enquanto um homem de honra, mas sim para o incentivar a agir para retomar sua honra e manter sua posição e status naquela sociedade (MILLER, 1993).

Diante disso, a resposta de Guilherme às ofensas de Bernardo parece se encaixar muito bem dentro da tradição literária escandinava, onde vemos o soberano normando reagir com raiva e ansiedade e desejando agir o quanto antes para dar uma resposta apropriada a vergonha sofrida, retomar sua honra e calar os questionamentos à sua posição e status social. Por outro lado, a ação de Bernardo também parece de acordo com esta tradição nórdica, motivando Guilherme por meio de ofensas a recuperar sua honra após ser envergonhado pela resposta de Riulf. As duras palavras de Bernardo não são ditas por ele crer que Guilherme realmente seja um governante covarde e indigno, mas sim porque ele acredita na capacidade de seu soberano de agir de uma forma socialmente adequada para retomar sua honra e evitar os perigos de não dar uma resposta digna à ofensa.

A raiva neste ponto parece exercer um importante papel de afirmação social e de pertencimento. A escolha de Dudo em representar ela desta forma não parece de nenhum



modo desproposital, mas cumpre uma função social e política importante em sua narrativa. A expressão da raiva na obra de Dudo adquire uma função muito importante. Os soberanos normandos estão inseridos em um contexto de interação social e política tanto com o mundo franco quanto com as comunidades escandinavas, buscando alianças e laços e a defesa de sua posição em ambas as esferas de poder (DETTMANN, 2021). Desse modo, a obra de Dudo busca apresentar o soberano normando tanto como uma liderança legítima carolíngia, quanto como uma liderança integrante do contexto social e político escandinavos. Tal natureza dúbia do governante normando é evidenciada por suas ações e seu posicionamento sociopolítico ao longo da narrativa de Dudo, porém, como podemos ver ao longo deste artigo, as ações políticas não se limitam a atitudes de dominação direta, mas também podem tomar forma por meio do sentir e das formas que as emoções são apresentadas na obra.

Considerações finais

Na obra de Dudo, observamos diferentes formas de se sentir e expressar a raiva, o que denota uma pluralidade emocional e mesmo a existência de diferentes comunidades emocionais entrelaçadas. Isso parece estar dentro de um contexto de posicionamento político e social dos próprios soberanos normandos que buscam manter sua posição tanto nas questões de poder escandinavos quanto no mundo franco, assim tanto a raiva quanto a temperança de Guilherme constroem a imagem do soberano. De qualquer modo, parece evidente que a passagem de Dudo cumpre uma função social com um objetivo político na sua obra.

Ao representar Guilherme como um líder misericordioso e clemente, Dudo aproxima ele da imagem de um soberano do mundo carolíngio e defende sua posição legítima dentro da aristocracia franca. Escrevendo em um período no qual os soberanos de Rouen buscam sua afirmação como membros desta aristocracia franca e a consolidação de sua posição como igual frente aos outros príncipes da cristandade, essa representação de Guilherme como um soberano clemente ganha considerável importância política e social. Além disso, o modelo de soberano carolíngio clemente não seria estranho para Dudo, sendo ele mesmo um autor franco educado em alguns dos grandes centros intelectuais da Francia carolíngia.



Entretanto, o ato de representar Guilherme enfurecido e agindo impiedosamente, ao ser provocado por insultos, parece uma forma de aproximar Guilherme de outro ideal de liderança que influencia o contexto político e social normando na época, o das lideranças escandinavas. Embora os soberanos normandos se esforcem para afirmar seu pertencimento a este mundo franco, a presença e a importância escandinava em seu território continuam a existir. Seja através dos aliados nórdicos que vêm de além-mar ou por meio das lideranças e populações escandinavas existentes na Baixa-Normandia, o soberano normando também necessita se portar como uma liderança escandinava e se usar de práticas sociais e políticas típicas destas populações no que tange ao seu contato e interações de poder com estas comunidades.

Desse modo, na narrativa de Dudo, a tradição carolíngia se une ao elemento nórdico, construindo a figura de um soberano que é ao mesmo tempo um aristocrata franco e uma liderança escandinava. Ao destacar o caráter piedoso e clemente dos soberanos normandos, exemplificado na busca inicial de Guilherme por suprimir a revolta de Riulf pacificamente, Dudo apresenta o soberano normando segundo o ideal clemente da aristocracia carolíngia, a fim de enaltecer sua posição como um príncipe desta cristandade franca. Por outro lado, o desafio de Bernardo e a raiva e a ação violenta de Guilherme, mostram o soberano normando como um homem capaz de responder apropriadamente a ofensa e a vergonha sofrida e recuperar sua honra, assim mantendo sua posição social como um líder frente aos seus seguidores de origem escandinava.

A obra de Dudo demonstra muito bem como as emoções não são meras manifestações inconscientes e privadas, mas se constituem verdadeiras ferramentas políticas e importantes componentes da ordem social. Um mesmo sentimento como a raiva pode ter valores e expressões distintas numa mesma obra, sem incorrer em uma visão contraditória, mas sim na elaboração de um discurso político específico que visa reforçar e legitimar o soberano normando nas diferentes esferas de poder nas quais ele se integra, sendo um soberano clemente quando a situação exige e incorrendo em raiva e violência se for necessário, uma dualidade na qual a Normandia dos séculos X e XI está inserida social e politicamente.

Referências Bibliográficas

Fontes Primárias

DUDO DE SAINT-QUENTIN. *De moribus et actis primorum Normanniæ ducum*. Editado por Jules Lair. Mémoires de la Société des Antiquaires de Normandie, 23, 1865.

Fontes Secundárias

ALTHOFF, Gerd: Ira Regis. Prologema to a History of Royal Anger in: Barbara H. Rosenwein (compiler-editor): *Anger's Past. The Social Uses of an Emotion in the Middle Ages*. Ithaca 1998, pp. 59-74.

ANDERSON, Perry. *“Linhagens do Estado Absolutista”*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BARTON, Richard. E. “Emotions and power in Orderic Vitalis”. *Anglo-norman studies*, 33, 2010.

BATES, David. *Normandy before 1066*. London: Longman, 1982.

BAUDUIN, Pierre. *La première Normandie (Xe–XIe siècles): sur les frontières del ‘haute Normandie: identité et construction d’une principauté*. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2004.

BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. *Medieval Sensibilities: A History of Emotions in the Middle Ages*. Cambridge: Polity, 2018,

BURCKARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento da Itália*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CÂNDIDO DA SILVA. 'Público' e 'Privado' nos textos jurídicos francos. *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 26, p. 29-48, 2010.

DETTMANN, M.B.D. A Normandia entre dois mundos: As relações políticas de Ricardo, o Destemido, com francos e escandinavos. *Revista Ars Histórica*, 2021.



- ELIAS, Norbert, *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*, tradução brasileira de Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol. 1, 1990
- MCNAIR, Fraser. "The politics of being Norman in the reign of Richard the Fearless, Duke of Normandy (r. 942–996)". *Early Medieval Europe*, 2015, 23, p. 308-328.
- MILLER, William Ian. *Bloodtaking and Peacemaking: Feud, Law and Society in Saga Iceland*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.
- MILLER, William Ian. *Humiliation: And Other Essays on Honor, Social Discomfort, and Violence*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1993.
- SIGURÐSSON, JÓN VIÐAR. *Viking Friendship. The social bond in Iceland and Norway, C. 900–1300*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2017.
- RÉMOND, René. "Uma História Presente". In: *Por uma história política*. (Org.) René Rémond. FGV Editora. 2ª edição. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro. 2003.
- ROSENWEIN, Barbara. (ed.) *Anger's Past: The social uses of an Emotion in the Middle Ages*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.
- ROSENWEIN, Barbara H. *Emotional Communities in the Early Middle Ages*. Ithaca – Londres: Cornell University Press. 51. 2006.
- ROUCHE, Michel. La vie privée à la conquête de l'État et de la société. In: Ariès, Philippe e Duby, Georges. (dirs.) *Histoire de la vie privée*. De l'Empire romain à l'an mil. Paris: Seuil, 1999 [1985], t.1, p.423-454.
- SANGRISO, Francesco. And insult conquers the silence of a thousand years: A níð for Stieg Larsson and the Old Norse poetry. *Scandia Journal of Medieval Norse Studies* 1, 2018.
- SEARLE, Eleanor. *Predatory kinship and the creation of Norman Power, 840-1066*. Oakland: Univ of California, 1988.
- TUCKER, Sefanit. The protocol of vengeance in Viking Age Scandinavia. *Vexillum*, 3, 2013.



VOGT, Helle. *The function of Kinship in Medieval Nordic Legislation*. Leiden: Brill, 2010